

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM UM OLHAR SENSÍVEL PARA INCLUIR ALUNOS COM AUTISMO

STORYTELLING WITH A SENSITIVE LOOK TO INCLUDE STUDENTS WITH AUTISM

1. Clésia Guimarães dos Santos  <https://orcid.org/0000-0001-7438-9109>
1. Universidade Federal de Rondonópolis  Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil
2. Ana Claudia Reis Bittencourt  <https://orcid.org/0000-0001-8082-3637>
2. Universidade Federal de Rondonópolis  Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil
3. káthia dos Santos Rocha  <https://orcid.org/0000-0002-3151-1140>
3. Universidade Federal de Rondonópolis  Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil

Autor de correspondência: clesiaguimaraes@hotmail.com

RESUMO:

A contação de história é um tema bastante discutido quando se trata de recursos para o incentivo à leitura. A partir dessa premissa, este artigo propõe um olhar sensível para alunos autistas na mágica aventura das histórias contadas e para tal alguns objetivos foram traçados. Temos como objetivos: compreender as principais características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas implicações na comunicação e na interação social da criança; investigar a importância da contação de histórias como recurso pedagógico para o desenvolvimento de crianças com TEA e identificar estratégias que favoreçam a participação ativa da criança autista durante o momento da contação de histórias. E para execução do estudo, escolhemos como metodologia a revisão bibliográfica, com abordagem de natureza qualitativa. A pesquisa se justifica por acreditar que a contação de histórias atrai o interesse da criança para os livros e estimula o desejo de ser um leitor e a criança autista tem o direito de participar desse processo de forma prazerosa. Percebe-se a partir das análises que é por meio das leituras que a contação de histórias pode ser um recurso importante na construção de uma relação de confiança entre a criança autista e o professor, bem como entre seus colegas. Para isso, é importante construir uma relação em que a criança possa sentir-se segura.

Palavras-chave: Contação de história; Leitura; Autismo.

ABSTRACT:

Storytelling is a widely discussed topic when it comes to resources for encouraging reading. Based on this premise, this article proposes a sensitive look at autistic students in the magical adventure of storytelling, and to this end, several objectives have been outlined. Our objectives are: to understand the main characteristics of Autism Spectrum Disorder (ASD) and its implications for the child's communication and social interaction; to investigate the importance of storytelling as a pedagogical resource for the development of

children with ASD; and to identify strategies that favor the active participation of autistic children during storytelling sessions. For the execution of the study, we chose a bibliographic review methodology, with a qualitative approach. The research is justified by the belief that storytelling attracts children's interest in books and stimulates the desire to be a reader, and that autistic children have the right to participate in this process in an enjoyable way. It is clear from the analysis that storytelling, through reading, can be an important resource in building a relationship of trust between the autistic child and the teacher, as well as among their peers. To achieve this, it is important to build a relationship in which the child can feel safe.

Keywords: Storytelling; Reading; Autism.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca refletir acerca da contação de histórias por meio de um olhar sensível para a inclusão de alunos autistas. Justificamos a escolha do tema por acreditar que a contação de histórias atrai o interesse da criança para os livros e estimula o desejo de ser um leitor e a criança autista tem o direito de participar desse processo. Nesse sentido, pensar no aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no momento de contação de histórias leva-nos a fazer alguns questionamentos: Como conquistar sua atenção para o momento de ouvir e contar histórias? Como proporcionar situações que desperte o desejo deles para esse momento?

Movidos por essas perguntas buscamos compreender o processo de inclusão do aluno autista na contação de histórias. Para isso, delimitamos como objetivos específicos: Compreender as principais características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas implicações na comunicação e na interação social da criança; Investigar a importância da contação de histórias como recurso pedagógico para o desenvolvimento de crianças com TEA e Identificar estratégias que favoreçam a participação ativa da criança autista durante o momento da contação de histórias.

No intuito de fundamentar nossa reflexão, contamos com as contribuições dos seguintes autores: Fonsceca (2002), e Sanches (2013), Mello (2007), Arana e Klebis (2012), Sampaio e Oliveira (2017), Diniz (2013), entre outros.

O referido artigo apresenta além da metodologia de pesquisa, três temas no qual procura-se abordar questões que contemplam os objetivos específicos traçados para este estudo. No primeiro momento, será realizado uma breve abordagem a respeito do

Transtorno do Espectro Autista (TEA) com relação a interação social e a comunicação da criança autista.

No segundo momento, dar-se-á a discussão da importância da contação de histórias na formação do leitor com TEA. O terceiro momento, propõe conversar sobre alguns pontos que podem ser considerados para promover a inclusão de crianças autistas na hora das histórias. Contar histórias para criança é sempre muito prazeroso, elas sentem satisfação em ouvi-las. Porém, com relação ao aluno autista isso pode não acontecer da mesma maneira, devido as dificuldades de interação e comunicação que é típico do TEA.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo utilizou-se como metodologia de pesquisa a revisão bibliográfica de natureza qualitativa. A revisão de bibliográfica ocorreu com busca por artigos científicos e legislações que abordam temas relacionados ao assunto aqui tratado. Conforme evidencia Fonseca (2002, p. 32), “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos.”

Fonseca (2002) ainda reitera a existência de trabalhos puramente bibliográficos que utilizam pesquisas publicadas com intuito de levantar todas as informações possíveis sobre um determinado assunto. Sendo assim, tem-se a consciência que o presente estudo não vai abranger todas as informações pertinentes ao tema, considerando a sua abrangência e complexidade, porém intenta ampliar o conhecimento de como propiciar a inclusão do aluno autista no momento da contação de histórias.

A escolha pela abordagem qualitativa, deu-se por ser uma pesquisa que não se baseia em dados numéricos, mas na interpretação das experiências humanas, considerando a complexidade dos contextos sociais, culturais e individuais em que os sujeitos estão inseridos. Com base nesta concepção, Gerra *et al.* (2024) relata que

Os fundamentos da pesquisa qualitativa estão ancorados em princípios teóricos e metodológicos que orientam a coleta e a análise dos dados. Entre os principais fundamentos dessa abordagem estão a busca pela compreensão contextualizada dos fenômenos, a valorização da

subjetividade e da diversidade de perspectivas, e a ênfase na flexibilidade e na adaptabilidade do processo de pesquisa.

A leitura de artigos científicos com vistas a apreender como se dá o processo de leitura para a criança autista conduziu-se a pensar como o momento de contação de histórias sob um olhar sensível pode promover a inclusão do aluno autista. Dessa forma, incluir o aluno autista a esse universo mágico do ouvir e contar histórias consiste no desafio proposto por este estudo.

INTERAÇÃO SOCIAL E COMUNICAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA

O Transtorno de Espectro Autista (TEA), conforme ressaltam Santos e Vieira (2017, p. 220), “é denominado pela Associação Americana de Psiquiatria – APA (2013), como um transtorno do neurodesenvolvimento.”

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) classifica o Transtorno em três níveis de gravidade. De acordo com DSM-5, as pessoas que se encontram no nível 3 necessitam de “apoio muito substancial”, pois o grau de comprometimento das habilidades de comunicação verbal e não verbal e da interação são maiores. No nível 2 o apoio é substancial, embora também possua limitações das habilidades acima mencionadas, os prejuízos mesmo sendo limitantes não são considerados graves. O nível 1 requer apoio para desenvolver a comunicação social, sem o apoio podem apresentar sérios comprometimentos de interação social. Portanto, não chega a ser uma necessidade substancial.

Os indivíduos com TEA apresentam comprometimento nas habilidades de interação social, de comunicação e imaginação.

Nesse sentido, Valença *et al.* (2023) menciona que

A criança com TEA apresenta uma tríade singular, a qual se caracteriza pela dificuldade e prejuízos qualitativos da comunicação verbal e não verbal, na interatividade social e na restrição do seu ciclo de atividades e interesses. Movimentos estereotipados e maneirismos, assim como padrão de inteligência variável e temperamento extremamente lábil também fazem parte da sintomatologia.

A partir do exposto, podemos evidenciar que o TEA é uma condição complexa e multifacetada, que se manifesta de maneiras diferentes em cada indivíduo, exigindo

intervenções personalizadas e compreensivas para favorecer o desenvolvimento global e a inclusão social da criança.

No tocante a tríade, o diálogo será conduzido por meio de conversa com Papim e Sanches (2013, p. 19) que ao abordarem as relações sociais da pessoa com autismo observam que

O quadro sintomático das capacidades sociais apresentado pelo indivíduo com o TEA, está despersonalizado do desenvolvimento considerado típico, pois ele não apresentará o mesmo tipo de interesse que os demais indivíduos de mesma faixa etária e interage apenas dentro de sua zona de interesse, a pessoa com TEA, geralmente, pode ser inexpressiva ou apresentar expressões faciais inadequadas ao contexto; não compreenderá os limites pessoais, apresentando dificuldades para desenvolver o freio inibitório; evitará ou rechaçará o contato físico, tendo ataques de ansiedade e dificuldade para compreender seus sentimentos e os alheios.

A dificuldade de interação com outras pessoas e a tendência em se isolar, faz com que o trabalho com pessoas autistas sejam um desafio. Ao buscar dinâmicas de interação precisa estar atento como forma de intervir sem ultrapassar o limite e provocar ataques de ansiedade que desenvolverão reações contrárias ao desejado.

Seguindo a discussão a respeito da tríade autística, temos a dificuldade no desenvolvimento das competências de linguagens.

A pessoa autista pode apresentar comprometimentos de comunicação que vai do grau leve ao severo. Conforme Papim e Sanches (2013, p. 20), “algumas conseguem comunicar-se bem, outras se comunicam muito pouco e algumas, pouco estimuladas, simplesmente não se comunicam.”

No campo da imaginação destaca-se o comportamento e interesses repetitivos. A pessoa autista quando encontra algo que chama sua atenção permanece por muito tempo observando. Pode ser parte de objetos ou uma folha que balança com o vento, detalhes que para muitos passam despercebidos. Nesse aspecto, Papim e Sanhes (2013, p. 22), observam que

É a partir desta percepção de mundo fragmentado, que se pode compreender a característica autista pela necessidade de uniformidade e rotina; em estabelecer e manter interesses restritos e limitados; e comportamentos repetitivos, como uma tentativa de entrosar-se ao ambiente, organizando-o para torná-lo previsível.

Assim como os interesses repetitivos, eles possuem comportamentos repetitivos e estereotipias que podem variar de um balançar de pernas a uma compulsão em

morder as mãos. E em muitos casos, chegam até a se ferir pela intensidade e frequência das mordidas. O fator que agrava tais comportamentos são as quebras de rotina, quando acontece mudança repentina no cotidiano da pessoa autista, ela fica insegura e apreensiva. Sobre esse assunto, Papim e Sanches (2013, p. 23), ressaltam que “alterações abruptas ou sutis podem eliciar a perda de controle e ocasionar o início do comportamento de birra e isolamento, especialmente se a ocorrência for em local desconhecido.”

Observando os três níveis da tabela DSM-5 e as variações na condição de inteligência e comportamento de cada indivíduo com autismo, fica evidente que a intervenção para ser bem sucedida é preciso olhar para o sujeito. Não é possível pensar em um tratamento padrão que abrange todas as especificidades do Transtorno, visto que cada indivíduo possui características únicas mesmo que enquadrado no mesmo nível da tabela DSM-5, como pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 1- Níveis de gravidade do Transtorno do Espectro Autista

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 "Necessita de apoio substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos severos no funcionamento, limitando muito a iniciação de interações sociais e reduzindo a resposta a tentativas de interação social por parte de outros. Por exemplo, uma pessoa com poucas palavras inteligíveis que raramente inicia interações e, quando o faz, adota abordagens incomuns apenas para satisfazer suas necessidades e responde somente a abordagens sociais muito diretas.	A inflexibilidade comportamental, a extrema dificuldade em lidar com mudanças ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem significativamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade em mudar o foco ou a ação.
Nível 2 "Necessita de apoio substancial"	Déficits acentuados nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, comprometimentos sociais aparentes mesmo com apoio disponível; dificuldade em iniciar interações sociais; e respostas	A inflexibilidade comportamental, a dificuldade em lidar com mudanças ou outros comportamentos restritos/repetitivos ocorrem com frequência suficiente para serem óbvios até mesmo para um

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
	reduzidas ou anormais a tentativas de interação social por parte de outras pessoas. Por exemplo, uma pessoa que fala em frases simples, cuja interação se limita a interesses específicos restritos e que apresenta comunicação não verbal marcadamente peculiar.	observador casual e interferem no funcionamento em diversos contextos. Angústia e/ou dificuldade em mudar o foco ou a ação.
Nível 1 "Necessita de apoio"	Sem o apoio adequado, os déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Observa-se dificuldade em iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou malsucedidas a tentativas de aproximação social por parte de outras pessoas. Pode parecer haver um interesse reduzido em interações sociais. Por exemplo, uma pessoa capaz de falar em frases completas e se comunicar, mas cuja conversa com os outros não consegue fluir e cujas tentativas de fazer amigos são estranhas e geralmente infrutíferas.	A inflexibilidade comportamental interfere significativamente no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em alternar entre atividades. Problemas de organização e planejamento prejudicam a independência.

Fonte: Retirado do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

Como pode ser constado na tabela a cima, o autismo não é uma condição única e fixa, mas sim um conjunto de variações dentro de um mesmo transtorno, o que exige diferentes tipos de acompanhamento, terapias e estratégias educativas conforme cada caso.

Para direcionar o estudo, levou-se em consideração a Síndrome de Asperger que pode ser considerada autismo de alto funcionamento, embora alguns pesquisadores discordam desse posicionamento. Diante dessa questão, Mello (2007, p. 27), cita que os pesquisadores discordam pois, “[...] acreditam que no autismo de alto funcionamento há atraso na aquisição da fala, e na Síndrome de Asperger, não.” Respaldada na visão de Mello (2007), bem como nas Associações de autismo, é possível afirmar que essa

dicotomia em nada contribui para o avanço das conquistas em prol das pessoas com autismo.

A partir da união de forças e não da fragmentação de ideias sobre o tema, discutiremos questões que são relevantes para incluir crianças autistas no momento de contação de histórias, para isso trataremos de aspectos importantes que contribuirão com a aproximação do aluno autista com o mundo da leitura.

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A leitura abre caminhos para explorar um mundo de possibilidades. Estimular a criança pequena a encantar pelo ato de ler é como dar asas ao pássaro e permitir que trace seu voo. Corroborando essa afirmação, Arana Klebis (2012, p. 26670), aludem que “o ato de ler faz com que o indivíduo leitor tenha respostas para o mundo e para o que está acontecendo ao seu redor.” E, é nesse intuito que destaca-se a importância das histórias contadas desde cedo à criança como um incentivo prazeroso para a leitura.

O incentivo à leitura vem ganhando força, muita discussão acerca do assunto busca conscientizar os pais e professores da relevância de estimular nas crianças o prazer pela leitura. Muitos adultos carregam uma visão negativa sobre o ato de ler, e essa construção negativa pode estar relacionada a forma na qual a leitura lhe foi apresentada. Nesse contexto, Arana e Klebis (2012, p. 2671) sugerem que

Uma das formas de incentivar as crianças a lerem é apresentá-las a livros que estimulem o hábito de ler pelo prazer. A partir daí elenca-se diversas vantagens, como a de que elas conheçam mundos novos e realidades diferentes para que, desta forma, elas possam construir sua própria linguagem, oralidade, valores, sentimentos e ideias, essas tais, que a criança levará para o resto da vida.

Diante dessa assertiva, pode-se observar que ler não é um ato que se encerra em si mesmo, a leitura precisa transcender a simples decodificação de códigos linguísticos. Há um propósito maior que envolve o posicionamento do sujeito no mundo, sua visão crítica e seu modo de interferir na realidade. Dessa forma, fica evidente que inserir a criança no mundo da leitura é um desafio que requer muita dedicação e responsabilidade. E quando pensa-se em incluir a criança com TEA, o desafio torna

ainda maior. Partindo desse entendimento, Mosquera e Teixeira (2010, p. 113), expressam que

Possivelmente, um dos maiores desafios na educação do autista seja a acessibilidade às significações do contexto. O seu ser-estar no mundo depende das interações com a linguagem verbal e também com as não-verbais, que lhes possibilite construir significados, por exemplo, a partir de um olhar, de uma imagem ou objeto, das relações com as pessoas próximas. Uma vez que o déficit de comunicação é uma marca nesse transtorno, suas consequências são determinantes no comportamento do autista.

Os comprometimentos na interação e comunicação da criança autista dificulta o processo de aquisição da leitura e escrita, pois a relação do sujeito autista com o mundo é afetada por sua dificuldade em estabelecer interação com o externo. Criar situações para facilitar a compreensão dos significados é um caminho para aproximar o autista da proposta de aprendizagem. Em consonância a tese de Mosquera e Teixeira (2010), Sampaio e Oliveira (2017, p. 346), afirmam que

Identificar os interesses dos alunos autistas, o que lhes chama a atenção, servirá bastante para que o professor possa planejar as suas intervenções pedagógicas. Pois, é preciso relacionar os afetos dos alunos com as estratégias utilizadas nos planos de aula, para que a aprendizagem possa ser construída com sucesso.

E a contação de histórias é um recurso que quando planejado considerando a necessidade de cada sujeito pode promover a interação da criança autista com a leitura. É possível desenvolver estratégias que facilitam a construção de sentido relacionando o interesse do aluno com a escolha da história a ser contada. Ainda de acordo com Sampaio e Oliveira (2017, p. 354), “as crianças autistas, se bem estimuladas, poderão conseguir desenvolver a habilidade da leitura, ainda que possam apresentar algumas limitações.”

Desse modo, propiciar situações que conduza o aluno autista interagir com os colegas e perceber que pode compreender a dinâmica da aula fará com que ele sinta-se capaz de estabelecer relações com o outro. Para isso, discuti-se no próximo tópico algumas estratégias que poderão promover a inclusão do aluno autista durante a contação de histórias.

A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NO MOMENTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O momento da contação de histórias é favorável para aproximar a turma, pois é quando o (a) professor (a) organiza um espaço aconchegante que pode ser dentro ou fora da sala para criar uma sensação de conforto e segurança aos alunos. Esse espaço pode ser percebido como um avião que está próximo a decolar e conduzir seus tripulantes a uma viagem pelo mundo da imaginação. Considerando essa premissa, Diniz (2013, p. 11), pontua que este é “o desafio de tornar o momento da contação ou da leitura, um momento de viagem, na qual a criança viverá cada momento da história, e sentirá na pele tudo aquilo que seu personagem favorito enfrentar.”

O efeito de sentir as sensações promovidas pela história proporciona na criança o desejo de ouvir e contar cada vez mais. Esse acontecimento corrobora para despertar a consciência da importância que tem o ato de ler. Nesse sentido, Diniz (2013, p. 42), ressalta que “trazer a criança para o mundo das histórias exige dedicação, preparo, boa vontade e entusiasmo por parte do educador. No cotidiano, ele precisa dedicar um período do dia (da aula) para proporcionar aos alunos este momento de prazer e viagem.” Ser o piloto desse avião significa ter consciência da responsabilidade que tem na condução de seus tripulantes.

O piloto consciente de sua responsabilidade sabe que todos os passageiros a bordo possuem necessidades específicas e por isso deve estar atento para intervir quando for preciso. Por isso, ele sabe que a criança autista que embarcou nesse voo pode estar apavorada com a ideia de dividir seu espaço com outras crianças, de ser incomodada pelo barulho das vozes, de não conseguir se comunicar e acordar seus monstros da ansiedade e do medo. Conforme complementam Sampaio e Oliveira (2017, p. 346), “O professor deve estar sempre antenado nas ações dos seus alunos, para que, assim, ele possa intervir nos momentos apropriados.”

Nesse caso, a viagem requer cuidados extras. Ao planejar a hora da história alguns aspectos precisam ser considerados. Conhecer a criança é o primeiro passo, saber o que a deixa calma ou agitada, saber quais são seus brinquedos favoritos, quais personagens mais gosta, o que causa medo ou ansiedade, qual música gosta de ouvir e o que desperta seu interesse. Após conhecer a criança autista o desafio de preparar a

aula fica mais fácil e a probabilidade de frustração tanto do aluno quanto do professor diminui.

O professor precisa conquistar a confiança do aluno autista antes de propor que ele faça qualquer atividade. Para isso, é importante construir uma relação na qual a criança possa sentir-se segura, não é viável que aconteça mudanças repentinas na rotina, pois isso desestabiliza a criança autista. Desse modo, conversar sempre sobre as atividades que serão desenvolvidas deixa-o mais receptível. Por essa razão, antes de contar uma história faz-se necessário explicar o que vai acontecer e como vai acontecer. Assim, a criança com autismo pode construir uma relação de sequência dos acontecimentos na sala de aula.

Ao conhecer seu aluno o professor terá mais chance de acertar na escolha das histórias a serem contadas. Seguindo esse viés, Sampaio e Oliveira (2017, p. 345), postulam que “é preciso conhecer o aluno para que o seu desenvolvimento seja estimulado da maneira mais conveniente.” Considerando a intenção de incluir o aluno autista no momento da contação de histórias, buscar histórias relacionadas ao interesse da criança é uma boa opção visto que, uma história mal escolhida pode causar consequências desastrosas.

Durante a contação de histórias, o professor deve ficar atento a tonalidade (volume) da voz. Quando contar uma história não deve prender-se a leitura fiel do livro, criar entonações de voz diferente para cada personagem, procurar escolher livros bem ilustrados e mostrar a ilustração do livro a cada página lida. Com base nessa concepção, Diniz (2013, p. 41), nos revela que

Algumas histórias não estão prontas para serem lidas exatamente como foram escritas. Muitas necessitam que o leitor faça uma adaptação verbal para facilitar ao ouvinte, compreendê-la. Sempre que uma história será lida, é importante que a mesma seja estudada anteriormente, pois não se pode correr o risco de improvisar e no decorrer da contação ocorrer tropeços ou desconfortos.

Caso a história for contada sem o auxílio do livro é importante que sejam confeccionados cartões de figuras das personagens, pois a criança autista tem dificuldade com o abstrato e dessa forma a história não fará sentido. Como a contação

de histórias é um recurso para a aquisição da leitura, Sampaio e Oliveira (2017, p. 359), mencionam que

No ensino da leitura, os professores de crianças autistas precisam entender que estas crianças apresentam muitas vezes o pensamento visual bem mais forte do que o pensamento em palavras. Isso quer dizer que, provavelmente, será bastante útil para o aprendizado destes infantes a associação de palavras a figuras correspondentes.

Explorar bem a história, usar a imaginação com dramatização, imitação de sons e estimular a criança com autismo a participar das ações é importante. A participação pode ser de diversas formas. Se o aluno já souber ler, ele poderá ler o final da história ou poderá escolher qual personagem pretenderá representar e toda vez que for a fala da personagem, a criança poderá fazer a interpretação. Diante dessa situação, Sampaio e Oliveira (2017, p. 360), acrescentam que “para estimular crianças autistas à leitura, o professor deve, enquanto lê para estas crianças, parar nas partes mais emocionantes, levando-as a ler a frase seguinte.”

Mas, se ainda não for alfabetizada, o professor poderá pedir que ela imite os sons das personagens ou ainda o professor poderá ler pequenas frases e pedir para a criança repetir. Porém, deverá observar sempre a reação da criança autista, pois ela poderá não estar gostando e essa é a hora de reavaliar as estratégias. Sampaio e Oliveira (2017, p. 345), destacam que “a observação atenta do professor é de extrema importância para que a criança autista possa ser tratada de acordo com suas singularidades comportamentais.”

A escola é um espaço de vivências onde todos que dela participam precisam sentir-se conectados. Pois, compreendemos que a aprendizagem acontece nas relações de troca com o outro, visto que não faria sentido organizar um ambiente cheio de livros, pessoas e móveis se a frieza das ações impossibilitasse tocar a alma das pessoas que dividem esse espaço.

Nesse sentido, o objetivo da inclusão é proporcionar a criança autista situações que favoreça seu desenvolvimento integral, está em contato com seus pares e construir estruturas cognitivas que dará autonomia para ser sujeito crítico e atuarativamente na sociedade.

CONCLUSÃO

A criança autista precisa sentir-se acolhida pelos professores e pelos seus pares, propiciar momentos que despertam esse sentimento também é garantir o direito à aprendizagem. Percebe-se que por meio das leituras que a contação de histórias pode ser um recurso importante na construção de uma relação de confiança entre a criança com autismo e o professor, bem como entre seus colegas.

Toda criança tem o direito de fantasiar, de voar na imaginação e a escola tem o dever de garantir esse direito, pois é na fantasia que vive o potencial criativo da criança. Explorar esse potencial por meio das histórias contadas consiste em conduzir o aluno ao prazer pela leitura e escrita. E esse prazer não pode ser negado a criança com autismo por ter dificuldades de interação, comunicação ou de lidar com o abstrato.

O professor que busca conhecer as habilidades e limitações de seu aluno com autismo está melhor preparado para desenvolver estratégias que potencialize sua interação e aprendizagem. A partir da consciência de seu papel como educador, reconhecerá o momento de intervir positivamente na construção das potencialidades da criança.

E quando perceber que conseguiu estimular seus alunos a decolarem, o sentimento de gratidão é imenso, pois por mais que o processo tenha sido lento e demandado esforço mútuo, o resultado é fantástico.

REFERÊNCIAS

ARANA, A. R. A.; KLEBIS, A. B. S. O. A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12, São Paulo, SP, 2012. *Anais...* São Paulo, SP: Educare, 2015. Disponível:
https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7813.pdf. Acesso em: 20 mai. 2020.

DINIZ, Thais Barcelos Claudino. **A contação de histórias e sua influência no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança.** 2013. 53 f. Monografia (Especialização em Educação) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em:
http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4444/1/MD_EDUMTE_2014_2_110.pdf. Acesso em: 10 mai. 2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues; STROPARO, Telma Regina; COSTA, Michel da; CASTRO JÚNIOR, Francisco Pires; LACERDA JÚNIOR, Orivaldo da Silva; BRASIL, Melca Moura; CAMBA, Mariangela. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado –GeSec**, São José dos Pinhais, Paraná, v. 15, n. 7, p. 01-15, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019/2531>. Acesso em: 05 nov. 2025.

INTERAGENCY AUTISM COORDINATING COMMITTEE (IACC). **Critério de diagnóstico do DSM-5**. Disponível em: https://iacc-hhs.gov.translate.goog/about-iacc/subcommittees/resources/dsm5-diagnostic-criteria.shtml?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc#table2. Acesso em: 28 out. 2025.

MELLO, A. M. S. R. de. Autismo: guia prático. 8. ed. Brasília: Corde, 2007.

MOSQUERA, C. F. F.; TEIXEIRA, R. M. O diagnóstico do autismo e a construção da linguagem no ensino da arte inclusivo. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba, v.1, p.1-141, 2010. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/173>. Acesso em: 15 mai. 2020.

NASCIMENTO, M. I. (trad.). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: http://www.clinicajorgejaber.com.br/2015/estudo_supervisionado/dsm.pdf. Acesso em: 26 fev. 2020.

SAMPAIO, Caroline Maria Tavares de; OLIVEIRA, Gislene Farias de. O desafio da leitura e da escrita em crianças com perturbação do espectro do autismo. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, [S. L.], v.11, n.36, p.343-362, 2017. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 14 de jan. 2020.

PAPIM, A. A. P.; SANCHES, K. G. **Autismo e inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do atendimento educacional especializado em sua prática com crianças com autismo**. 2013. 85 f. Monografia (Graduação) - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins, 2013. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56194.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020

SANTOS, R. K.; VIEIRA, A. M. E. C. S. Transtorno do espectro do autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. **Revista Includere**, [S. I.], v. 3, n. 1, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7413>. Acesso em: 02 jun. 2020.

VALENÇA, Alexandre Martins; MORAES, Talvane Martins; SILVA, Antônio Geraldo da; NARDI, Antônio Egidio. Transtorno do espectro autista e comportamento delituoso.

Debates em Psiquiatria, Rio de Janeiro, v.13, n. 1-8, 2023. Disponível em:

<https://revistardp.org.br/revista/article/view/1000>. Acesso em: 06 nov. 2025.

Recebido: **19/12/2023** Publicado: **16/12/2025**

Editor Geral: **Dr. Eliseu Pereira de Brito**